



Deus Sabe que Sofremos

Philip Yancey

Título original: When is God when it hurts

Tradução: Emma Anders de Souza Lima

Editora Vida

ISBN 85.7367.195-5

Digitalizador: desconhecido

Disponibilizado pelo Intervox

Revisado e formatado por SusanaCap

WWW.PORTALDETONANDO.COM.BR/FORUMNOVO/

Por que Deus permite o sofrimento? Deus não vê que estou sofrendo?

Na maioria das vezes, nós nos sentimos totalmente incapazes de dizer ou fazer qualquer coisa para aliviar a dor dos que sofrem. E este sentimento de incapacidade é extremamente frustrante e entristecedor. Por que existe o sofrimento?

Será que a dor é um erro grosseiro de Deus? Ou Deus estará querendo nos ensinar alguma coisa através dela?

Neste livro, você encontrará as mais importantes respostas para esse inquietante problema que diz respeito a todos nós.

Com sensibilidade e profundo conhecimento do assunto, o autor trata o tema de maneira clara, informativamente rica, comentando também as conclusões a que chegaram os maiores estudiosos do assunto.

Um livro de estilo fácil, que responde questões difíceis.

Philip Yancey é autor de vários livros, entre os quais "Decepcionado com Deus" e "As Maravilhas do Corpo". Reside com sua esposa na cidade de Chicago, EUA.

Entrementes, onde está Deus? Este é um dos problemas mais inquietantes. Quando a pessoa se sente feliz, tão feliz que nem parece precisar dele, e a ele se achega afim de ouvi-lo, é recebida de braços abertos. Mas, o que acontece quando você a ele se dirige em situação desesperadora, baldados todos os seus esforços? A porta se lhe fecha, e por dentro é aferrolhada duplamente. Depois, silêncio. Daí, parece ser melhor a pessoa se afastar.

C. S. Lewis,

A Grief Observed (Análise de uma aflição)

Problema Que Permanece

Sinto-me completamente incapaz, perto de pessoas que sofrem. Na verdade, sinto-me até culpado. As pessoas estão ali sozinhas, talvez gemendo, faces contorcidas, e não consigo transpor o abismo e penetrar no seu sofrimento.

Consigo apenas observar. Qualquer coisa que eu tente dizer, parece-me medíocre e formal, como se recitasse algo previamente decorado. Há alguns anos, atendi a um desesperado pedido de socorro de amigos muito íntimos, John e Claudia Claxton. Casados de novo, ambos com pouco mais de vinte anos, começavam a sua vida no Centro-Oeste Americano.

Jamais eu tinha visto o amor afetar alguém tão profundamente como acontecera com John Claxton. Nos dois anos em que ele e Claudia estiveram noivos, John, uma pessoa cínica, desagradável e fria, tornou-se otimista, pronto a desfrutar as aventuras do casamento.

John escreveu-me uma carta que me perturbou extremamente.

Erros e rabiscos desfiguravam a sua escrita, geralmente caprichada. Ele explicou: — Queira desculpar minha maneira de escrever... não sei o que dizer. Nem consigo achar as palavras. — o casal enfrentava um problema muito maior do que eles mesmos. Claudia tinha contraído a doença de Hodgkins, câncer das glândulas linfáticas, e os médicos diziam que sua chance de vida era de apenas 50%.

Em uma semana, os cirurgiões fizeram-lhe um corte desde a axila até o abdome e removeram todo e qualquer traço visível da doença. Fraca e aturdida, ela jazia numa

cama de hospital.

Naquela ocasião, John trabalhava como assistente de capelão num hospital local. — A doença de Claudia, — contou-me ele, — fazia com que eu entendesse melhor a situação de outros pacientes. Mas, não mais me interessava por eles; pensava somente em Claudia. Tinha vontade de gritar: — Parem com essas lamúrias, seus idiotas!

Vocês pensam que estão cheios de problemas, mas a minha esposa pode estar morrendo neste momento!

Embora John e Claudia fossem ambos cristãos, a revolta contra Deus avolumou-se. Revolta contra um parceiro a Quem eles amavam e que se tinha virado contra eles. — ó Deus, por que nós? — clamavam.

— Deste-nos, provocadoramente, apenas um curto ano de casamento feliz, preparando-nos para esta dor?

O tratamento de cobalto arruinou o organismo de Claudia.

Ela perdeu a beleza. Sentia-se constantemente cansada, sua pele tornou-se escura, o cabelo começou a cair, a garganta estava sempre inflamada e ferida. Vomitava quase tudo o que comia. Os médicos precisaram suspender o tratamento por algum tempo, pois a garganta havia inflamado de tal maneira que ela não podia engolir.

Todos os dias, Claudia pensava em Deus e na dor que sentia, principalmente quando estava na sala de tratamento. Naquela sala fria revestida de aço, estirada numa mesa, nua, ela ouvia o chiado e o estalido do aparelho bombardeando-a com partículas invisíveis. Cada dia de radiação fazia o seu corpo envelhecer meses.

As Visitas de Claudia

No princípio, Claudia esperava consolo e conforto dos seus amigos cristãos. Estes, porém, tornaram-se

desconcertantes.

Um diácono de sua igreja falou-lhe solenemente que refletisse naquilo que Deus estava tentando ensinar-lhe.

— Deve haver alguma coisa na sua vida que desagrade a Deus.

Você deve ter deixado de fazer sua vontade. Estas coisas não acontecem por acaso. O que é que Deus lhe está dizendo?

Certa vez veio uma senhora, uma viúva gorducha, um tanto desmiolada, que pensava ter sido chamada para ser “chefe de torcida” das visitas aos doentes. Trouxe flores, cantou hinos, e recitou lindos salmos de lindos riachos e montanhas, sempre batendo palmas. Todas as vezes que a doença de Claudia era mencionada, ela depressa mudava de assunto. Queria afastar o sofrimento com o seu entusiasmo e boa vontade. Quando ela se foi, as flores murcharam, não mais se ouviram os hinos, e Claudia ali estava, face a face com outro dia de dor.

Veio outra, que há anos, fielmente, vinha assistindo programas de Oral Roberts, Kathryn Kuhlman, e o “Clube 700”. Ela disse a Claudia que a única solução estava em buscar a cura divina.

Dúvidas me assaltaram e comecei uma busca que se estendeu por vários anos, e culminou neste livro. Tenho procurado uma mensagem que nós, os cristãos, possamos dar àqueles que sofrem. Acima de tudo, tenho buscado uma mensagem que possa fortalecer minha própria fé quando soffro. Onde está Deus, quando chega a dor? Está ele tentando dizer-nos algo? Depois de uma longa viagem pelos Estados Unidos, o teólogo e muito conhecido pastor alemão Helmut Thielicke foi inquirido sobre o maior defeito que observara entre os cristãos norte-americanos. Ele respondeu:

— Eles têm opinião inadequada sobre o sofrimento.

Acabei por concordar com ele.

No mundo não-cristão, essa falha destaca-se ainda mais.

Perguntei a alguns universitários o que tinham contra o Cristianismo, e a maioria repetiu variações sobre o mesmo tema: o sofrimento:

— Não posso acreditar num Deus que permite Auschwitz e Irlanda do Norte.

— Minha irmã adolescente morreu de leucemia apesar de todas as orações dos cristãos.

— Ontem à noite um terço da humanidade foi para a cama com fome. Isso combina com o amor cristão?

Lendo livros sobre a dor, descobri que muitos grandes filósofos, favoráveis aos princípios e ética cristãos, tropeçaram ao se defrontarem com o problema da dor e do sofrimento, acabando por rejeitar o Cristianismo por essa razão. C. E. M. Joad escreveu:

— Quais são, pois, os argumentos que, para mim, desfazem o ponto de vista religioso do universo?

Primeiro, dor e infortúnio.'

Outros filósofos, tais como Bertrand Russell e Voltaire, compartilham eloqüentemente do protesto de Joad.

O confuso problema da dor e do sofrimento aparece sempre, apesar de nossas eruditas tentativas de explicá-lo. Até mesmo C. S. Lewis, que deu a explicação mais inteligível neste século, viu seus argumentos desvanecerem-se quando sentiu os efeitos de um câncer de ossos no organismo de sua esposa.

— Não conseguimos jamais saber o quanto realmente acreditamos em algo, até que a sua veracidade ou não torne-se uma questão de vida ou de morte — disse ele.

Como a batalha de Hércules contra a Hidra, todas as nossas tentativas de derrubar argumentos agnósticos esbarram contra outros exemplos de sofrimento bastante constrangedores. E a defesa cristã, por nós empregada, geralmente parece uma desculpa falsa, confusa e mal-articulada.

Abordagem Pessoal

Ao escrever este livro, não foi minha intenção dirigir-me a filósofos. Pessoas muito mais capazes do que eu já fizeram isso. Ao escrevê-lo, preferi ter diante de mim a imagem de minha amiga, Claudia Claxton, estirada numa cama de hospital. Nossos problemas a respeito da dor, na sua maioria, não são apenas mentais. São parecidos com os de Claudia: dor de garganta, casamento ameaçado pela morte, perda de juventude, o terrível medo do desconhecido.

Ao escrever este livro, conversei com cristãos que sofrem muito mais do que qualquer de nós. Para muitos deles, a dor faz parte da vida. É a primeira sensação da manhã que se prolonga até o último momento antes do sono, se tiverem a sorte de conseguir dormir. Falarei sobre eles neste livro.

Ironicamente, também passei uma temporada entre leprosos, pessoas que não sofrem no sentido fisiológico, mas desejam esse sofrimento desesperadamente.

É possível que da próxima vez que eu cair doente, com gripe forte, debatendo-me na cama com febre, ou lutando contra ondas de náusea, as minhas conclusões sobre a dor não me sejam de nenhum consolo. Entretanto, como um cristão tentando esquadrihar o que Deus deseja neste mundo, tenho aprendido muito. A minha revolta e amargura contra Deus foram desaparecendo à medida que compreendia por que ele permite um mundo com tal sofrimento.

Não hei de me referir a alguns itens filosóficos, apesar

de importantes, tais como: De que forma o mal entrou no mundo?

Por que é o sofrimento distribuído de maneira tão injusta?

Por que as calamidades naturais? Em vez de enveredar por tais perguntas, penetrarei no mundo dos que sofrem para descobrir, no momento da dor, o valor real de ser cristão.

Primeiramente, examinarei a dor através do microscópio, biologicamente, para ver o papel que ela desempenha na vida.

Então, voltando atrás, olharei para o planeta como um todo, procurando saber quais os desígnios de Deus. Será o sofrimento o grande erro de Deus?

Então, demonstrarei detalhadamente as reações que diversas pessoas extraordinárias e fascinantes tiveram. E, finalmente, perguntarei a mim mesmo qual a minha atitude quanto ao meu próprio sofrimento e ao sofrimento dos outros.

* O problema de Claudia foi resolvido quando o tratamento de cobalto destruiu todas as células cancerosas. Já se passaram cinco anos, e ela continua perfeitamente sã.

Primeira Parte - Por que Existe a Dor?

Sejamos agradecidos por ter Deus inventado a dor.

Ele não poderia ter feito coisa melhor.

Dr. Paul Brand

A dádiva indesejável

Estou em Chicago na luxuosa sala do Orchestra Hal.

Deleito-me com a música de Beethoven e Mozart, mas o longo e complexo concerto de Prokofiev não me transmite o mesmo prazer. Devido à digestão do farto jantar de domingo, é-me difícil concentrar na música, e ficar acordado.

Aos poucos, a música desaparece ao longe, e pálpebras fecham-se. Vejo ao meu redor muita gente bem vestida que dorme a sono solto. Assim, eu também apóio o queixo na mão direita e encosto o cotovelo no — BUM!! Braços e pernas espalham-se. Algumas pessoas em derredor fulminam-me com os olhos, os pescoços esticados em minha direção. Meu sobretudo está no chão. Assustado e constrangido, pego o sobretudo, endireito-me e tento concentrar-me na música. O coração bate desordenadamente.

Que aconteceu? Enquanto eu vagueava na terra dos sonhos, o meu corpo me protegia. Enquanto eu cabeceava, meus braços moveram-se abruptamente, minha cabeça lançou-se para trás e todo o meu corpo se contorceu. Embora bastante embaraçoso para mim, isso foi apenas uma atitude leal do meu corpo a fim de evitar que eu me machucasse. As duas pequenas bolsas no meu ouvido interno, cheias de fluido e revestidas de pelos ultra-sensíveis, detectaram uma mudança alarmante no meu equilíbrio. Justamente no momento em que minha cabeça ia bater no braço da poltrona, o ouvido interno soltou um alerta geral. Com uma velocidade extraordinária, meus braços e pernas reagiram dramaticamente, e eu não me machuquei.

Todas estas manobras complexas — aconteceram enquanto eu cochilava.

Detector de Perigo

Em geral, os sensórios da dor operam justamente como os sensórios do equilíbrio que se acham no ouvido interno. Eles avisam o corpo dos iminentes ou atuais perigos. O sentimento da dor força o corpo a concentrar-se na área em que há algum problema e a reagir de acordo. Às vezes, a reação é quase inconsciente. Por exemplo, quando vou ao médico para um exame geral de rotina e ele golpeia meu joelho com um martelo de borracha, minha perna estica-se violentamente. O joelho sofre a impressão de que está sendo dobrado e reage automaticamente. O martelo atingiu os mesmos nervos que seriam afetados se o meu joelho vergasse subitamente ao caminhar. O corpo reage, para que eu não tropece e sofra dor maior. A reação é rápida e espontânea demais para permitir que o cérebro tenha tempo de raciocinar que estou sentado numa mesa e não em pé, e que realmente não há perigo de eu cair.

Apesar de serem dispositivos de proteção ao organismo, o sistema nervoso e os seus milhões de sensórios de dor são, entre as funções do corpo, as menos apreciadas.

Jamais li um poema exaltando as virtudes da dor, nem vi jamais uma estátua erigida em sua honra ou ouvi um hino a ela dedicado. A dor é sempre qualificada como “desagradável”.

Realmente, os cristãos não sabem como interpretar a dor.

Muitos deles, se postos contra a parede numa hora difícil, admitiriam provavelmente que a dor é um erro de Deus.

Achariam que ele devia ter tido mais cuidado e inventado uma melhor maneira de enfrentar os perigos do mundo.

Estou mesmo convencido de que a dor tem tido

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

